

Manoel Lisboa, um grande exemplo a seguir na luta por um Brasil socialista

Edival Nunes Cajá

Artigo de Edival Nunes Cajá, é presidente do Centro Cultural Manoel Lisboa e membro do Comitê Central do PCR, publicado no livro A vida do comunista Manoel Lisboa – 2ª edição – 2008 - Pág. 37 a 53.



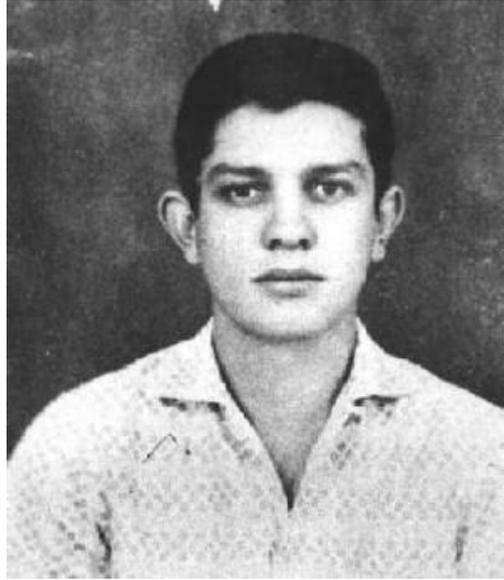
Conheci Manoel Lisboa em maio de 1971, quando o criminoso e covarde expediente do sequestro, da tortura, da inversão da inversão dos desaparecidos políticos (assassinato com ocultação do cadáver) contra os comunistas e demais opositores da ditadura militar de tão frequentes pareciam institucionalizados.

Era o período da completa euforia do banditismo político, do terrorismo do estado sob comando dos interesses econômicos mais reacionários do capital financeiro e dos grupos monopolistas da alta burguesia norte americana e brasileira que, através do golpe de estado de 1964, assaltaram pela violência o poder político.

As classes dominantes e suas forças armadas organizaram, então, as custas do tesouro público, isto é, do dinheiro do povo, o mais apodrecido e ilegal aparato estatal de repressão política aos trabalhadores e seus líderes já vistos em nosso país.

Este era o caso do Doi-Codi (Departamento de Operações Internas e Centro de Operações de Defesa Interna), dois covardes e ilegais órgãos de repressão política que funcionavam nas próprias dependências do exército e sob seu comando com o objetivo não de prender e apresentar o prisioneiro a justiça mais de liquidar, de destruir fisicamente a oposição mais consequente, isto é, os comunistas.

A ordem era torturar até transformar em delatores dos seus próprios companheiros todos aqueles lutadores cuja a consciência exigia acabar não só com a ditadura fascista, mas também com sua causa, o capitalismo agonizante. Isto porque, a burguesia não podendo mais exercer a sua ditadura sobre as massas através dos antigos métodos da democracia burguesa, procura sua salvação no fascismo para poder empregar medidas excepcionais de super-exploração dos trabalhadores como saída da sua insolúvel crise e ainda impedir a revolução proletária.



Manoel Lisboa

Na sombra daquele ignominioso governo, surgiram, os homens mais degenerados de que se teve notícia na história do crime organizado em nosso país. Ostentavam, inclusive, medalhas, condecorações e cargos nos altos escalões da república. Homens que sequestraram, torturaram, e assinaram com requinte da mais bestial crueldade e de forma seletiva os mais inteligentes e capacitados dirigentes do nosso proletariado revolucionário, muitas vezes sem sequer formalizar um processo, como foi o caso de Manoel Lisboa.

Era o auge da contra-revolução patrocinado pelo imperialismo norte-americano, a burguesia brasileira e os grandes latifundiários, tomando de ódio e de medo da resistência armada liderada pela vanguarda da classe operária e do movimento democrático-popular.

De plantão, no Palácio do Planalto em Brasília, encontrava-se o general, de triste memória, Garrastazu Medici. No Palácio das Princesas em Pernambuco, como seu interventor (ou melhor como seu capataz), foi designado Eraldo Gueiros Leite, então Ministro do Tribunal de Contas, pertencente ao mesmo grupo político arqui-reacionário de Marco Maciel.

Sem qualquer constrangimento, Gueiros toma posse no governo com a mais asquerosa subserviência ao então comando do IV Exército, hoje militar do Nordeste. Estavam, assim encontro com Manoel Lisboa.



“Abaixo a ditadura militar fascista”

Era noite do último domingo de maio de 1972. O ditador Médici era esperado no dia seguinte com grande festa organizada pela burguesia açucareira de Pernambuco e seus corruptos políticos para comemorar os nove anos do golpe militar, recém-completados.

Até hoje não esqueço um só detalhe daquele momento. Depois de ter cumprido rigorosamente todas as instruções, chego ao ponto onde realizamos uma breve reunião preparatória sob a direção do companheiro Hélio.

O camarada Hélio era também um experiente dirigente do partido, procurado pela polícia política. Sua tarefa principal era a formação política dos quadros da frente estudantil do partido.

Logo ao abrir a reunião ele informou que o único ponto da pauta era convocar um dos quatro companheiros que compúnhamos aquele coletivo para completar um destacamento armado que, na madrugada seguinte, teria a tarefa de realizar uma ação de agitação e propaganda numa das grandes fábricas da cidade. A reunião encerrou-se com a minha eleição para aquela tarefa.

O companheiro Hélio chama-me, então, para deslocarmos até uma quadra após a praça principal do bairro da Madalena, logo vejo um homem de estatura média, cabeça erguida, meio galego, compleição bem definida e porte atlético. Quando já estamos praticamente junto a ele, o companheiro Hélio afirma:

- Este cara é o camarada Mário, o Nosso Comandante!

- Pare com isso, camarada Hélio!

Falou em tom gentil, mais em desaprovação. Com ar sério o camarada Mário vira-se para mim e aperta firmemente minha mão, dizendo

- Não se impressione. Camarada, o companheiro Hélio quer descontrair o clima tenso que o inimigo lança sobre a cidade na véspera de sua chegada. O mais importante é a alegria de nos conhecermos pela a importância da tarefa que vamos realizar juntos!

Em seguida, indagou se o nosso deslocamento havia transcorrido normalmente, se não tínhamos " sido seguidos".

-Não.

- Afirmamos.

Aceitamos os ponteiros dos relógios. Marcou-se o ponto e na madrugada estávamos lá. A ação ocorreu na mais perfeita ordem previamente estabelecida. O comandante do nosso destacamento foi exatamente Mário. Tudo funcionou corretamente, todos no seu respectivo horário, local e movimentos determinados.

A tarefa que realizamos era parte de uma grande panfletagem geral denunciando os crimes e assassinatos políticos dos oito anos atrocidades da ditadura, assim como os baixos salários, o desemprego e a fome. Conclamava o povo a se levantar "por um governo popular revolucionário que anulará todos os acordos firmados com o imperialismo norte-americano, tomara todas as suas empresas, as terras dos grandes latifundiários, e as distribuirá com o povo e os trabalhadores sem terra". Concluía com a palavra de ordem obrigatória: "Abaixo a Ditadura Militar Fascista!" O panfleto-programa tinha oito páginas em forma de livreto e se intitulava, Aos verdadeiros Patriotas Brasileiros, assinado pelo conselho de luta operária.

O partido conseguiu espalhar o documento praticamente em toda cidade. Dos bairros de Casa Amarela a Tejiipió, onde morava o maior contingente operário do Recife. O panfleto foi colocado por baixo da porta das residências, nas grandes filas noturnas dos postos do INPS, nas grandes fábricas do Grande Recife, nas escolas e universidades e ainda nas concentrações de terminais de ônibus.

Este foi meu primeiro encontro com Manoel Lisboa, e a impressão que tive foi a de ter conhecido um companheiro excepcional. Já de regresso a pensão onde morava, pensava, ... "Aquele é, certamente, um revolucionário completo, é o homem novo de que tanto falaram Lênin e Che Guevara". Enquanto o ônibus tomava sentido do subúrbio da cidade, relembra o conteúdo da mais importante reunião de que participara em toda minha vida. Ainda tomando de emoção pelo aumento da responsabilidade que representava aquela apresentação, procurava agora imaginar o alcance, as implicações políticas, riscos e, principalmente, o fortalecimento da minha esperança na luta pela derrubada da tirania e pela emancipação política e econômica do nosso povo.



Os fascistas eram os verdadeiros terroristas

Já naquele ano de 1972, Manoel Lisboa era um dos homens mais procurados pela repressão política do país como um temível inimigo político. Provavelmente os fascistas já tinham definido sua sentença de morte.

No centro-sul do país, já haviam assinado os comandantes Carlos Marighela, Joaquim Câmara Ferreira, Carlos Lamarca, Mário Alves. Enfim, 1972 seria o ano com maior número de assassinatos políticos ao longo dos 21 anos da história da ditadura fascista em nosso país. Manoel somente ultrapassa aquele ano com vida, graças às rigorosas Normas de Segurança que a direção do partido havia formulado coletivamente - com destacada contribuição de Manoel, que as colocou em prática com uma férrea disciplina e sem qualquer vacilação.

Com a orgia do lucro fácil, obtido à custa da violenta repressão aos trabalhadores, metida até o pescoço na mais desbragada corrupção e apavorada com medo da resistência armada dos melhores filhos do nosso povo, a burguesia brasileira deixou-se governar pelo Departamento de Estado Norte-Americano e pela CIA.

Importou torturadores (há o conhecido exemplo de Dan Mitrione) do Pentágono (Forças Armadas dos Estados Unidos) para treinar militares e policiais brasileiros, tendo como cobaias os presos políticos que cumpriam pena nos presídios. Houve casos em que até mendigos foram recolhidos da rua para servir como cobaia nas "aulas" de tortura que contava com a presença de até mesmo de capitalistas que financiavam as despesas em parceria com Estado.

Enfim, a burguesia brasileira e suas forças armadas, polícia federal, polícia civil e militar não tiveram a menor vergonha de lançar-se nos braços do fascismo e usar seus métodos mais abjetos e criminosos na desesperada perseguição aos líderes da luta armada, dirigentes estudantis cassados, líderes dos trabalhadores e sua organização política e sindical, até vencê-

los. O sequestro, a tortura e o assassinato haviam se tornado na principal forma de luta política das classes dominantes contra as classes trabalhadoras e sua vanguarda. Encharcaram-se no sangue jovem e generoso do heroico proletariado revolucionário do Brasil.

Porém não dobrou o seu espírito vitorioso das suas ideias de liberdade e de emancipação dos trabalhadores e da nossa pátria do jugo dos monopólios imperialistas e do capital.

Era marco de 1973. O assalto ao novo Parque da Aeronáutica foi planejado para ser executado durante a realização da olimpíada do Exército. Segundo o plano traçado pela direção do partido, Manoel foi o comandante daquela ousada ação militar com poucos homens e precárias condições materiais: armas curtas, incluindo sua pistola 45. Sobrava, porém determinação e conhecimento dos movimentos necessários para conquistar o objetivo, dominar e a posição inimiga.

A operação fora executada conforme o plano. O quartel foi efetivamente tomado com a apenas cinco homens. O caráter extremante secreto e o fator surpresa foram fundamentais. Toda a guarda foi rendida, um homem após outro, sem o disparo de um só tiro. Manoel fez de tudo para que não fosse preciso abrir fogo contra os soldados da guarda do quartel, para evitar o alarde da operação. E o conseguiu de forma extraordinária. Só queria as armas.

Enquanto umas das viaturas saía conduzindo as modernas armas já recolhidas, alguns suboficiais tiveram de ficar amarrados na guarita; um oficial ficou, dormindo, sob efeito de uma coronhada na nuca dada com a finalidade de garantir o tempo suficiente para o deslocamento do destacamento guerrilheiro.

Do ponto de vista militar a operação foi um sucesso, um êxito total. O objetivo fora alcançado sem nenhuma baixa de nenhum dos lados. Audácia e competência não faltaram ao intrépido comandante.

Esta ação pôs abaixo o mito da “impenetrabilidade” dos quartéis da ditadura e da “invencibilidade” das forças armadas da burguesia em relação ao destacamento guerrilheiro, quando bem treinado e dividido, dirigido e armado do amor ilimitado à causa da emancipação do seu povo. Não era uma ação de propaganda da luta armada. Era simplesmente uma questão de necessidade das armas e do exercício da prática militar necessária à preparação de uma revolução, como fazia questão de ressaltar Manoel.

“Sem teoria revolucionária, não pode haver movimento revolucionário”

Naquela época, Manoel estava realizando uma grande inflexão nos rumos táticos e estratégicos do partido. Designa Emanuel Bezerra a urgente tarefa de estudar O Capital, de



Karl Marx; a ele próprio, as obras principais de Lênin e, ao companheiro Hélio, as obras de consagrados autores revolucionários do Brasil, como Caio Prado Júnior.

Este apego ao estudo combinado com a necessidade da prática era próprio do companheiro Mário. Como dirigir vitoriosamente uma revolução sem possuir o domínio da ciência da revolução, do Marxismo-Leninismo e do profundo conhecimento das leis próprias do desenvolvimento econômico-social da realidade brasileira e do mundo? Esta era uma indagação constante que Manoel sempre fazia aos militantes do Partido e a que respondia lembrando as palavras de Lênin: “Sem teoria revolucionária, não há movimento revolucionário”.

O principal trabalho do partido em Pernambuco já estava então situado nas grandes fábricas têxteis e metalúrgicas da área metropolitana do Recife, no proletariado agrícola e nos camponeses da zona canavieira.

Manoel Lisboa estava profundamente convencido da necessidade de ganhar as amplas massas da cidade e do campo tendo como meio principal a denúncia, a agitação, a propaganda e a organização política das massas para assumir sua luta em todos os terrenos: econômicos, políticos, ideológico e militar, dependendo tão somente do nível de consciência, de organização, lugar e tempo. E, assim forjar a indispensável aliança operário-camponesa como condição para a vitória do processo revolucionário.

Era o amadurecimento de uma ideia já constante na Introdução à Carta de 12 pontos redigida por Manoel em 1968, onde afirmava:

“Os comunistas revolucionários lamentam e criticam também de modo implacável os que desejam ‘simplificar’ o processo revolucionário, reduzi-lo a um esquema que de fato só tem existência em suas cabeças. São os que negam a necessidades história do partido proletário e revolucionário, organização de um novo tipo com as precípuas finalidades de teorizar a revolução, despertar e mobilizar as massas fundamentais e guiá-las de forma consciente consequente... São os que de forma mecânica e não dialética pretendem ‘fazer história’ quando julgam que um simples grupo militar ao modo de ‘Caparaó’ pode operar o ‘milagre’ de que as massas venham apoiá-los incondicionalmente, simplificando, assim, todo um processo dialético e contínuo, com altos e baixos, de acumulo de forças revolucionários das massas, que somente a vanguarda do proletariado, através de formação de uma teoria apoiada nas leis específicas da nossa revolução, pode extrair e capitalizar de modo consequente”.

Certamente por causa desta nova consequência, Manoel assumiu desempenhou com invejável brilhantismo a tarefa que a direção do partido lhe encarrega de editor do **jornal A**



www.averdade.org.br

LUTA, órgão da direção do PCR, para possibilitar as tarefas de agitação, propaganda e organização.

Dotado de rara inteligência, sensibilidade e grande capacidade de organização, era o homem talhado para aquela tão importante função. Com o entusiasmo bolchevique que o caracterizava, colocou todo seu talento, toda a ardente de sua vida a serviço da imprensa operária e da organização do seu partido. Também, com o objetivo de fundir o partido com as massas dos trabalhadores explorados da cidade e do campo, principalmente com a classe operária das grandes fábricas, fundou e dirigiu - com muito zelo e tiragem quase regular o **jornal LUTA OPERÁRIA** até o número 13, quando foi barbaramente assassinado.

Criou ainda a **revista teórica LUTA IDEOLÓGICA**, com o objetivo de discutir as questões candentes do movimento comunista e travar a luta política e ideológica no interior da esquerda revolucionária brasileira, buscando a superação dos seus erros através da crítica e da autocrítica, bem como defendendo a unidade de ação dos comunistas.

Contribuiu ainda, na formulação da linha política para o trabalho do partido na juventude e estimulou a criação e edição do **jornal LUTA ESTUDANTIL**, em que o partido fazia circular clandestinamente de mão em mão entre os estudantes das escolas e universidades. Jornal que logo se transformou num eficiente instrumento de denúncias, propaganda e organização dos jovens revolucionários.

O congresso dos militantes estudantis do PCR prepara seus quadros para uma nova retomada do movimento estudantil

Para avançar seu trabalho entre a juventude, em junho de 1972 o PCR convocou um congresso dos militantes do nosso partido no movimento estudantil. Foi grande a honra de ser um dos convocados para aquele evento. Durante três dias contamos com os ensinamentos dos nossos camaradas dirigentes Gomes, Emanuel Bezerra e Manoel Lisboa.

Todos ficaram muito impressionados com a organização e o elevado nível do compromisso dos militantes e as normas de segurança apresentadas pela mesa e aprovadas conscientemente por todos.

Mereceram destaques, pela profundidade, uma breve palestra de Manoel sobre a importância e as limitações do papel do movimento estudantil na revolução, e uma outra do camarada Gomes sobre a experiência do partido na realização do congresso da UNE em de Ibiúna, em 1968, e da luta política e ideológica que travou com outras organizações de esquerda sobre várias formas de lutas, específica e geral: econômica e política; a relação entre trabalho legal e ilegal e a articulação do movimento estudantil com o movimento operário, popular, e democrático. Inclusive o PCR defendeu a realização do Congresso da UNE no campus da USP, que a polícia teria mais dificuldade de invadir, e onde a população teria mais facilidade de se solidarizar e repudiar agressão da ditadura.



30º Congresso da Une em Ibiúna, todos foram presos

Nunca havia estado em um ambiente com tanta riqueza e sabedoria política acumuladas. Os debates acalorados sobre a estratégia da revolução, desenvolveram com mais elevada disciplina e camaradagem.

A minha surpresa começou logo no ponto do qual eu seria transportado para o congresso. Na direção de um fusca branco, chega o comandante Mário, que, enquanto o carro toma velocidade, orienta-me a tratá-lo por Celso e ao camarada Gomes, e pergunta-me por qual nome gostaria de ser chamado durante os três dias seguintes. No trajeto, enquanto chegávamos no ponto seguinte, disse-lhe da minha alegria em escutar na rádio central de Moscou a informação de que Vladimir Palmeira havia dado uma declaração com Jose Dirceu, em Paris, afirmando que só estavam aguardando a vitória da anistia para retornarem ao Brasil.

Manoel, enquanto dirigia o carro, com calma, respondeu-me:

- Camarada, se possível anote em um papel bem guardado para você conferir depois. Quando o Vladimir e o Dirceu voltarem, não vão querer saber deste trabalho anônimo e paciente que fazemos para elevar a consciência e a organização dos trabalhadores, sem o qual a revolução não triunfará. Vão querer e ser deputado ou senador e se contentarão com belos discursos em defesa da democracia em geral e pelas reformas sociais no parlamento burguês.

- Mais por quê? – indaguei

- Porque eles tivessem um compromisso com a revolução socialista em nossa terra, já teriam voltado clandestinamente ou de lá estariam apoiando a dura e difícil luta que aqui travamos. Gostaria muito de estar equivocado, seria ótimo que eles viessem se incorporar a luta pela revolução, mas se trata de uma ilusão, são lideranças que não ultrapassam os limites da democracia pequena burguesa - respondeu

Fiquei impressionado com tamanha convicção. E o tempo se encarregou de confirmar a análise ideológica feita por Manoel sobre aquelas duas personalidades dos anos que marcavam a minha geração.

O comitê do PCR na juventude saiu, daquele congresso extremamente decidido assumir a tarefa de soerguer o movimento estudantil em Pernambuco, Alagoas, Paraíba e Rio Grande do Norte, levando as bandeiras da defesa aos interesses imediatos das massas, das liberdades democráticas, pela ditadura e a solidariedade do movimento aos povos de Cuba e do Vietnã, que de armas em punho enfrentava a covarde agressão do imperialismo ianque.



31º Congresso da UNE, em Salvador, 29 de maio de 1979, com 10 mil presentes estudantes reconstruem a UNE

Graças a sagrada rebeldia daquela valente geração de militantes preparados por Manoel Lisboa e inspirados no seu exemplo de luta e abnegação, o movimento estudantil em Pernambuco, Alagoas, Paraíba e Rio grande do Norte foi reorganizado e deu uma inestimável contribuição para a reconstrução da UNE e da UBES, além de ajudar ao desenvolvimento com base no marxismo-leninismo.

O sequestro de Manoel e meu encontro com Dom Hélder Câmara: “Vamos economizar tempo”

Na noite seguinte ao sequestro de Manoel, dia 16 de agosto de 1973, eu aguardava na praça da Jaqueira, as 20 horas, o companheiro Raul para uma reunião de trabalho do partido.

Ao chegar, com a fisionomia tensa, Raul exclamou:

- Companheiro, vá embora urgente, de preferência pegue um táxi, depois eu entro em contato com você!

- Mais o que e que está acontecendo? - perguntei

- O galego faltou dois pontos seguidos. Soube agora mesmo, através do companheiro Gomes. E ele nunca atrasa, nem falta aos pontos. Ele deve ter sido emboscado ou agarrado. Você sabe que a repressão está nos cercando. Mantenha-se entre o seu trabalho, sua escola e sua casa do estudante. Todo cuidado é pouco. Agora desapareça, porque o ponto dele era numa praça aqui perto, no Rosarinho. O companheiro Gomes me espera aqui próximo para outras urgentes providências!

Com um aperto de mão nos despedimos, dizendo um ao outro, quase que ao mesmo tempo: “Tome cuidado, companheiro!”

Dois dias depois, Raul me procura com a incumbência de me incorporar a tarefa de denunciar o sequestro de vários companheiros submetidos a dilacerantes torturas... “E a



Edival Nunes Cajá ao lado de Dom Hélder

partir de hoje você fica em contato apenas com o companheiro Gomes “, instruiu-me, na despedida.

Um dia após, já no primeiro encontro com o companheiro Gomes, fiquei informado da prisão do camarada Raul, somando-se ele a oito companheiros já presos. Nessa ocasião recebo a missão de procurar Dom Hélder Câmara, Arcebispo de Olinda e Recife, para lhe pedir para que nos ajude a salvar aquelas preciosas vidas das terríveis torturas e da morte anunciada.

Dom Hélder me recebeu no Palácio Episcopal, na avenida Rosa e Silva. Era a primeira vez que eu o via pessoalmente. Mostrei-lhe a minha carteira de identidade, disse-lhe que estava ali na condição de militante e em nome da direção do Partido Comunista Revolucionário, que cursava o 2º ano científico no Ginásio Pernambucano e trabalhava no Banco Mercantil do Brasil na rua da Palma, havia um ano e meio. Também lhe informei que conhecia quatro daqueles oito companheiros presos, inclusive Manoel Lisboa. Adiantei que a vida de Manoel era a que mais perigo corria, não só por ser nosso principal dirigente, mais por já ter sido preso duas vezes e haver contra ele uma prévia sentença de morte dos principais órgãos de repressão política do país.

Dom Hélder, percebendo a minha aflição e a gravidade do assunto, dispensou-me grande atenção. Interpretou-me, dizendo:

- Vamos economizar tempo que, nestas circunstâncias é preciosíssimo. Preciso dos nomes completos, profissões anteriores à clandestinidade, uma breve ficha biográfica de cada um; o local do sequestro, as circunstâncias, inclusive seus últimos endereços, se, mas sem estas informações a denúncia fica vaga e sem força.

Já de pé para me despedir, Dom Hélder levanta-se e, em tom paternal, me aconselha:

- Meu filho, tenha muito cuidado quando voltar com estas informações. Fique sabendo que eu não tenho a menor segurança de que esta nossa conversa não seja vigiada ou gravada. Temos dois técnicos do nosso projeto “Operação Esperança” desaparecidos desde julho, o Vieira e o Dida. Eu e meus assessores somos vigiados, somos perseguidos também. Mandarei esta denúncia para a imprensa no exterior, para repercutir aqui já que os jornalistas do Brasil estão proibidos até de falar meu nome. Mais tentarei um contato capaz de nos ajudar aqui em Brasília por meio de um membro do Congresso Nacional. Volte logo. Precisamos agir rápido. E seus companheiros necessitam manter acesa a esperança e evitar perder a cabeça nestas horas de tantas provocações. Os suplícios da tortura a este regime infame terão de desaparecer muito em breve. Porque constituem a maior ofensa ao ser humano e a Deus, nosso pai. – concluiu, Dom Hélder levando-me até a porta de saída da sua sala.



Voltei no dia seguinte com os informações necessárias e cheio de esperança e disposição para levar adiante aquela denúncia. Dom Hélder seguiu trabalhando ao seu modo para salvar a vida de Manoel. O partido, por outro lado, lançou uma carta aberta a população com uma veemente denúncia dos sequestros, das torturas e uma pequena biografia de cada um dos companheiros.

Entretanto, apenas de todo o empenho de Dom Hélder, da mãe de Manoel, dona Iracilda Lisboa, do seu pai, Augusto de Moura (oficial da marinha no Rio de Janeiro), de seu irmão Carlos (capitão do Exército até então) e de todos os seus companheiros, não foi possível evitar os bárbaros assassinatos dele Manoel Lisboa, de Emmanuel Bezerra e de Manoel Aleixo

Duas semanas depois, volto a falar com Hélder, para agradecer seu grande esforço e, ao entrar em sua sala, vejo-o puxar uma gaveta de onde retira um jornal do dia 5 de setembro de 1973, com as fotos de Manoel e Emmanuel e a terrível mentira: “Terroristas morrem em tiroteio com agentes dos órgãos responsáveis pela segurança interna em São Paulo”. Abraçou-me dizendo estas palavras:

- Eles foram sacrificados no altar da pátria. Logo a verdade prevalecerá sobre a mentira e o fascismo destas autoridades. Isto é o que importa. Agora, só Deus pode saber quanta dor estão sofrendo aquelas três mães pela perda repentina dos seus filhos e pelas calúnias lançadas sobre eles.

- Pediu-me que o mantivesse informado sobre os demais presos. E deu-me uma cópia de uma crônica sua, pronunciada com sua própria voz no seu programa de rádio Olinda; Um olhar sobre a Cidade, da qual um dos versos era o mais forte expressão da sua convicção com caminhoneiro perseverante na estrada da liberdade: “Quanto mais escura é a noite, mais carrega em si a madrugada”.

Assim, naqueles difíceis tempos, Dom Hélder semeava a esperança e lutava ao lado dos perseguidos pelo regime fascista.

Voltei a ver Dom Hélder um ano depois, do encontro de jovens, do qual participei por convite do padre Ivan Pinheiro, um salesiano comprometido com o exemplo de Dom Bosco e animador do grupo de jovens O Balaio, do Colégio Salesiano, na rua Dom Bosco. No Balaio tínhamos sempre a nossa disposição um pequeno serviço de som, as letras de Taiguara, Chico Buarque, Milton Nascimento, Victor Jara e Vandrê. Não faltavam violão, poesias de Neruda, Arrabal, Thiago de Melo e Castro Alves nas reuniões de sábado à noite.

As relações construídas entre estudantes secundaristas e universitários daquele grupo, vários resistem ao tempo até hoje, entre elas, a união de vida e de luta entre mim e Gau. Acabei chamando para assessorar tecnicamente, inclusive de carteira assinada, a coordenação dos grupos de jovens da pastoral.

Duas semanas depois, em 1975, já cursando ciências sócias na UFPE, com intensa participação na comissão nacional pró-UNE, Dom Hélder mandou-me convidar através do metalúrgico Henrique Cossar para integrar a Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Olinda e Recife que ele decidiria criar com a finalidade de defender os presos políticos, a Anistia Geral, os direitos humanos e a justiça para os pobres, sobretudo, na hora da ocupação de terra para produzir ou de um pedaço de chão ou de um teto para brigar sua família.

Era sempre com muito respeito a diversidade de pensamento e ao debate democrático dos vários pontos de vista que ele encontrava a unidade de ação daquela comissão, de saudosa memória, com companheiros e companheiras de extraordinária solidariedade demonstradas inúmeras vezes. A grandeza de Dom Hélder era tal que nunca discriminou a ideologia ou o partido político de qualquer um dos seus assessores. Ou qualquer preso político que necessitasse de seu apoio.

A história haverá de reconhecer a importância da atuação daquele verdadeiro cristão no Recife durante os tempos de perseguição fascista.

Seu prestígio, fé e determinação salvaram muitas vidas ameaçadas. Vi de perto a sua indignação e sofrimento por não ter podido poupar a vida de Manoel.

Manoel Lisboa derrotou a última armadilha da polícia

Uma psicóloga da equipe do mais repugnante e degenerado torturador brasileiro, Sergio Paranhos Fleury, foi chamada pelo próprio Fleury às pressas de São Paulo para socorrê-lo no seu colérico desespero de arrancar pelo menos uma confissão de Manoel, que agonizava de tanto

ESTADO DE ALAGOAS
SECRETARIA DO INTERIOR E SEGURANÇA PÚBLICA
DELEGACIA DE ORDEM POLÍTICA, SOCIAL E ECONÔMICA
FICHA PESSOAL

Nº 001

Nome: MANOEL LISBOA DE MOURA ("CAPIVARA")

Data do Nascimento: 21 de fevereiro de 1945

Estado Civil: Solteiro

Residência: Rua Ipiranga, nº 242 - Farol - Maceió-Al.

Filiação: Augusto Moura e de Iracilda Lisboa de Moura

Profissão: Estudante

Local do Trabalho:

Residência Anterior:

Calda a que pertence:

Ficha de Manoel Lisboa no DOI-CODI



Manoel Lisboa é lembrado nos muros de todo o país e nos corações e mentes das novas gerações - imagem de Teresina - PI

martírio no DOI – Codi do então IV Exército, no parque 13 de maio, no Recife. A psicóloga apresentou-se a Manoel afirmando que não era policial, mas uma profissional da área de saúde em São Paulo.

- Quero fazer-lhe uma proposta, uma negociação que dependeria de seu consentimento mais que poderá salvar sua vida. Se negociarmos, estou autorizada a leva-lo a um dos melhores hospitais de São Paulo e em menos de três meses você estará refeito fisicamente desta desumana selvageria que lhe fizeram. Ficara provavelmente preso por alguns anos e depois sairá, com um bom advogado, podendo retomar seu trabalho, como já aconteceu em outras partes do mundo, onde alguns líderes contestadores foram presos e depois se converteram em vitoriosos chefes de estados. Mas isto só foi possível para aqueles que sobreviveram manterem-se vivos.

E continuou:

-Use a sua privilegiada inteligência. Não pense que quero transformá-lo num delator. Sei que você é um homem coerente. Um líder comunista, e não estou lhe propondo abrir mão disto. Mais tão somente que seja pragmático um pouco flexível até para que você possa realizar seu próprio sonho. E só um adiamento do seu projeto. Convença-se de que não dá. A conjuntura não permite. Penso que para a própria revolução, é mais útil um revolucionário como você vivo, mesmo na prisão, do que no túmulo. Se você não negociar, eu lamento muito, mas eles vão matá-lo.

Teria se encerrado, assim, sem nenhum resultado, a visita da psicóloga paulista.

Como Manoel nada lhe respondeu, ela então, frustrada, deixou-lhe algumas folhas de papel e lápis, dizendo:

-Já que você está quase sem poder falar, caso resolva conversar, escreva então as suas condições ou exigências na quais se dispõe a dialogar; de minha parte, já lhe assegurei imediato tratamento da sua saúde, com profissionais especializados em São Paulo ou aqui a sua escolha.

Com muita dificuldade, segundo um dos policiais, Manoel escrevera um dia inteiro e parte da sua última noite de vida. Soube-se que outro dia, bastante ansiosa, a psicóloga teve em suas mãos os manuscritos de Manoel, que teriam deixado muito irritado a todos.



Placas em homenagem aos heróis do povo brasileiro na Praça Padre Henrique em Recife ao lado do Monumento Tortura Nunca Mais

Manoel teria escrito um verdadeiro libelo em defesa do futuro luminoso da humanidade no socialismo e na inevitabilidade do triunfo do comunismo do mundo inteiro, responsabilizando o capitalismo pela terrível exploração, opressão e degenerescência por que passa ao ponto de ter alguém que se dispusesse a ocupar-se da tortura como profissão, com nomes de alguns oficiais do Exército e dos sádicos policiais Sergio Fleury e Luiz Miranda de Pernambuco.

Até hoje não tivemos acesso a esse documento escrito por Manoel, mais um dia ele emergirá dos porões e virá a luz, como ocorreu com “Testamento sob a Força”, de Júlio Fuchik, que emergiu do submundo da Gestapo

Na época ouviram-se comentários sobre este fato nos corredores do DOI-CODI e que chegaram até a direção do partido. Quatro anos depois, já como preso político, eu ouvi, com os meus próprios ouvidos, nos corredores da carceragem da Polícia Federal e na câmara de tortura, quando dois torturadores entraram em histérica divergência quanto ao rumo dos interrogatórios sobre mim. Se deviam me passar ou não papel e lápis depois da sessão de tortura.

- Pra cima de mim? Porra nenhuma! - berrou o policial

- Lembra-se daquele puto do galego, para depois restar àqueles papeluchos dele? Comigo ou fala ou vai pra cova! – Ameaçou o verme torturador, ao mesmo tempo em que exibia autoridade sobre seu próprio comparsa.

A inabalável integridade ideológica e moral de Manoel causaram-lhes espanto, ficou neles uma espécie de fantasma a apavorá-los. O seu comportamento de não vacilar em morrer para salvaguardar o partido e a sua coerência de comunistas revolucionários assustaram e ainda os opõem em débito coma humanidade, até hoje em sempre.

Manoel Lisboa encontrou na doutrina de Marx e Lenin a sua fortaleza ideológica inexpugnável!

Por que Manoel Lisboa, já tendo sido preso por duas vezes em 1965 e 1966, passados por inquéritos policiais militares e torturas, resolveu assumir a luta clandestina sob a mais implacável perseguição política da burguesia e sua polícia fascista? Por que permaneceu com a sua fé suprema na força do povo, na determinação do seu partido, PCR, e, apesar da situação extremamente adversa e desigual em que lutava, manteve erguida, com seus próprios punhos, a bandeira vermelha dos trabalhadores de livrar-se de uma vez para sempre da ditadura fascista e também da sua causa, o capitalismo?



Quando Manoel se convencera de ser um comunista, ainda adolescente, o fez com rara sinceridade e radicalidade. Com grande esforço intelectual e disciplina, estudou até dominar os conhecimentos científicos acumulados pela humanidade e sintetizados na poderosa doutrina do marxismo-leninismo.

Percebeu que não bastava analisar corretamente a realidade, mas era preciso transformá-la, que a ação consciente dos homens tem um papel decisivo na revolução.

Em Manoel Lisboa a coerência não era algo ocasional. Era uma permanente forma de conduta. Desde aquela sua opção, ele nunca se afastará, um milímetro sequer, da disciplina coletiva, da dialética marxista, enfim, do socialismo científico, como ciência e guia da sua ação diária.

Por isso, nós sempre vimos na figura de Manoel o símbolo vivo do novo homem entre nós, ele o confirmou, sem qualquer sombra de dúvida, até o último instante da sua vida, mesmo nas piores situações possíveis, como na câmara de tortura. Era incapaz de uma atitude individualista ou arrogante. Nem de realizar um ato oportunista, uma atitude sequer, que lhe acarretasse vantagem pessoal, em quaisquer que fossem as circunstâncias. Por isto ele é para nós e para todos que o conheceram, verdadeiro exemplo de um comunista revolucionário.

Um homem digno e justo, como Manoel, coerente com as ideias libertárias da revolução proletária, mesmo debaixo do chão tem mais força junto ao povo oprimidos do que todos os efetivos militares da burguesia e seus torturadores juntos. Nossos companheiros não serão esquecidos. Vivem hoje mais do que nunca. Seus nomes são pronunciados cada vez mais e se espalham em cada ocupação, em cada acampamento, em cada greve. Morrer pela causa da libertação dos explorados e pela pátria é viver eternamente. Logo verão a burguesia e seus

carrascos aterrorizados que, da força dos nossos heróis e do nosso povo oprimido, surgirá a pátria livre, independente e socialista.

Há inúmeros exemplos. José Martí, morto em combate em Cuba, em 1895, foi quem inspirou e impulsionou os jovens liderados por Fidel Castro, em 1953 a tomar o quartel Moncada em 1959. Che Guevara, que caiu em combate na Bolívia, teve seu corpo martirizado e ocultado da sua família e de seus camaradas, 32 anos atrás, e, no entanto, seu nome e seu exemplo ainda hoje mobilizam milhares de jovens e trabalhadores para a revolução, nos cinco continentes. Recentemente o povo cubano e seus cientistas descobriram seu corpo e o trouxeram de volta ao território livre de Cuba, onde o aguardavam um milhão de pessoas. Este mesmo povo edificou em mármore o mais belo mausoléu da América para o merecido descanso eterno de Che Guevara e seus companheiros, na cidade de Santa Clara.

Quem, na verdade, não tem valor nenhum, mesmo vivos, são os torturadores e aqueles que traíram a revolução, que se transformam em renegados, em delatores, os renunciadores da luta renunciadores da luta revolucionaria e do partido.

E só uma questão de tempo. Os trabalhadores brasileiros, ao tomarem consciência de classe algum dia, desenterrarão o corpo de Manoel Lisboa da vala comum do cemitério de campo grande, em São Paulo, e, em seus braços, o levarão ao panteão dos heróis da causa homens livres, que o Governo Revolucionário dos trabalhadores construirá para guardar, com a dignidade merecida, todos aqueles que consagram suas vidas a causa da emancipação da classe operária e de todo o povo explorado e oprimido.

